



DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

## Em movimento

**Congado:**

Seguindo a força  
do tambor

**Teatro:**

Para sair do  
lugar

**Coral:**

Por diferentes  
espaços

## FestiVelhas

TODOS EM CENA



FOTOCAMILA BASTOS

Música clássica Encontros com o popular	12
Viola Ganhando novos palcos	16
Literatura Deslocamento do olhar	18
O rio como personagem Diferentes papéis	20
Perfil Entre na brincadeira	23

### PROJETO MANUELZÃO UFMG

Informativo do Projeto Manuelzão UFMG e de suas parcerias institucionais e sociais pela revitalização da bacia hidrográfica do Rio das Velhas. Fundado em 1997 na Faculdade de Medicina da UFMG.

Coordenação Geral:  
Marcus Vinícius Polignano  
mupoli@medicina.ufmg.br  
Apolo Heringer Lisboa  
apololisboa@gmail.com  
Coordenação NuVelhas:  
Thomaz da Matta Machado  
Biomonitoramento:  
Marcos Callisto, Carlos Bernardo  
Mascarenhas e Paulo Pompeu  
Recuperação vegetal:  
Maria Rita Muzzi  
Mobilização social  
Educação ambiental:  
Rogério Sepúlveda, Tarcísio Pinheiro,  
Lísia Godinho  
Comunicação Social:  
Elton Antunes  
Publicações:  
Eugênio Goulart

**Redação e Edição**  
Elton Antunes (MTb 4415 DRT/MG),  
Camila Bastos, Isadora Marques, Júlia  
Marques, Larissa Flores e Mateus  
Coutinho. Colaboração: Isabela Meireles,  
Natália Ferraz, Luis Cunha. **Apoio**  
Editorial: Carol Scott

**Diagramação e Ilustração**  
Eduardo Felipe, Ana Carolina Caetano e  
João Henrique. Capa: Eduardo Felipe  
Projeto gráfico: Atelier de Publicidade do  
curso de Comunicação Social da UFMG  
sob coordenação de Paulo Bernardo Vaz.  
Impressão: Fumarc

*É permitida a reprodução de matérias e artigos, desde que citados a fonte e o autor. Os artigos assinados não exprimem, necessariamente, a opinião dos editores da revista e do Projeto Manuelzão.*

Universidade Federal de Minas Gerais  
Departamento de Medicina Preventiva e Social Internato  
em Saúde Coletiva  
Avenida Alfredo Balena, 190, 8º andar - sl. 813. BH - MG .  
CEP: 30130-100  
(31) 3409-9818 www.manuelzao.ufmg.br  
manuelzao@manuelzao.ufmg.br

#### PARCERIAS E PATROCÍNIO



#### COLABORAÇÃO



51 municípios da Bacia do Rio das Velhas



Comitê da Bacia do Rio São Francisco

# O que vai ser?

Caro leitor,

Repare como tudo a nossa volta está em movimento, em transformação. O sol quando se põe, dá lugar à lua. O rio nasce pequeno, fica caudaloso e se torna mar. A borboleta é a lagarta que se transformou. O FestiVelhas Manuelzão 2011 (p.4 e seguintes) propõe que também nós nos mobilizemos para perceber que somos parte desse movimento, e não apenas espectadores.

O convite para assumir novos papéis foi tarefa do Teatro Manuelzão. Essa arte é, e sempre foi, mobilização (p. 22). Ao fazer esse deslocamento, é possível perceber que, aquilo que parecia apenas um cenário pode ser, na verdade, protagonista de muitas histórias (p. 20). Em obras literárias, essas histórias não têm um ponto final, estão abertas a releituras (p. 18).

Transformações também fazem parte universo musical. A viola, símbolo da tradição, vem se renovando e ganhando novos espaços (p.16). Quem também se movimenta por muitos lugares são os corais. A tradição existe há muito tempo e permanece, com outros significados (p. 10). Música clássica vem há muito tempo se deslocando em direção ao popular (p.12). E o congado também vai para outros espaços, mas mantém aquilo que lhe é essencial: a fé (p. 14). Teve gente que se deslocou: do interior para a capital. E suas músicas são a transformação de seus sentimentos em sons (p. 23).

O terceiro sinal já está soando, as cortinas vão se abrir e o espetáculo vai começar. Escolha seu papel e entre em cena você também!

## SÚPLICA DO RIO DAS VELHAS

*O minha gente, escute o meu lamento:  
É um soluço de dor o meu borbulhar.  
Envenenado aos poucos vou morrendo.  
Socorro! Venham me salvar.*

*Minhas águas estão minguadas,  
turvas,  
Repugna-me o odor que exalo.  
Falo, grito, choro, em vão, peço socorro.  
Quero paz, ninguém me escuta, nada se faz.*

*Minhas águas já correram puras,  
cristalinas,  
Entre florestas que os homens devastaram.  
Eu era imponente, imenso, profundo,  
Hoje, imundo, carente, tristonho.*

*Agonizante, mas ainda com esperança,  
De ver crianças em minhas águas banhando.  
Voltar ser de novo dos peixes o habitat.  
Quero o homem em mim pescando,  
navegando.*

*No meu leito existiram abundantes pepitas de ouro.  
Este metal precioso de tão vã riqueza.  
Água pura vale muito mais!  
É vida para o homem, plantas e animais.*

*Assorearam-me, por tão pouco!  
São loucos? A si mesmo destroem.  
Por tanta maldade estou morrendo.  
Salve-me! Ou morre comigo a humanidade.*

MARLY COSTA, MORADORA DE CONTAGEM, NATURAL DE JABOTICATUBAS

## Núcleo Transdisciplinar de Pesquisas Socioambientais Ecosistêmicas em Bacias Hidrográficas/Projeto Manuelzão/UFMG

O Projeto Manuelzão está consolidando junto à UFMG sua proposta transdisciplinar com a criação do Núcleo Transdisciplinar de Pesquisas Socioambientais Ecosistêmicas em Bacias Hidrográficas. O objetivo é reunir pesquisadores, graduandos e pós-graduandos da UFMG e de outras instituições em atividades de ensino, pesquisa e extensão com foco em bacias hidrográficas e abordagem ecosistêmica.

Esse território e essa abordagem permitem integrar conceitos nos quais a água esteja no centro da questão ambiental e a questão ambiental no centro da questão econômica e política, superando a atual visão antropocêntrica de gestão da Terra. A adoção do território de bacia hidrográfica é importante porque rompe com a lógica político-administrativa de territórios fragmentados, tais como municípios, estados e países, cientificamente incoerente com uma visão sistêmica e transdisciplinar.

Esse Núcleo é o caminho que busca romper as amarras departamentais da lógica de unidades acadêmicas que criam obstáculos à superação da fragmentação do conhecimento científico e à construção da transdisciplinaridade, impedindo a livre criação de novos vínculos no âmbito das universidades.

Com o Núcleo o Projeto Manuelzão pretende dar continuidade às suas atividades em melhores condições físicas e políticas, mobilizando a sociedade, articulando políticas públicas, pesquisas transdisciplinares e ensino de graduação e pós-graduação.

A ação do Núcleo já se inicia inserida em nível internacional por meio de intercâmbios científicos e organização de seminários internacionais sobre revitalização de rios e outras ações. Pretendemos seguir agindo globalmente e pensando as transformações políticas internacionais em rede de movimentos socioambientais e acadêmicos.

Belo Horizonte, 15 de junho de 2011

**Coordenação do Projeto Manuelzão**



O Projeto Manuelzão recebe cartas, músicas, poesias e mensagens eletrônicas de vários colaboradores. Nesta coluna, você confere trechos de algumas dessas correspondências. Envie também sua contribuição. Participe da nossa revista! [revista@manuelzao.ufmg.br](mailto:revista@manuelzao.ufmg.br)

O PROJETO MANUELZÃO TEM POR OBJETIVO GERAL A TRANSFORMAÇÃO DA MENTALIDADE DE SUJEITOS ENVOLVIDOS NA MOBILIZAÇÃO SOCIAL VISANDO A “VOLTA DO PEIXE” ÀS BACIAS HIDROGRÁFICAS NA TERRA. QUEREMOS NADAR JUNTO COM OS PEIXES E ASSUMIR PLENAMENTE A NATUREZA E NOSSA NATUREZA. “VOLTA DO PEIXE” É MUDANÇA DE MENTALIDADE! DUALIDADE? NÃO SE TRATA DE DOIS PROJETOS, UM AMBIENTALISTA E OUTRO CULTURAL. TEMOS FOCO NAS ÁGUAS DA BACIA HIDROGRÁFICA, QUE REFLETEM TODO O SEU TERRITÓRIO E ECOSISTEMAS, SEJAM AQUÁTICOS OU TERRESTRES. A MOBILIZAÇÃO PELA “VOLTA DO PEIXE” TEM PROVOCADO PROFUNDA MEXIDA NA CABEÇA POLÍTICA E ACADÊMICA DOS ENVOLVIDOS E CRIADO CONDIÇÕES PROPÍCIAS PARA REFLEXÕES SOBRE A NATUREZA DE NOSSAS CONVICÇÕES, CRENÇAS E COSTUMES. ENCARAMOS A REALIDADE POLÍTICA, CULTURAL E ECONÔMICA, COMPLEXA E INTERNACIONAL, INDUTORA DE UMA DADA RELAÇÃO COM O MEIO AMBIENTE. O TEATRO MANUELZÃO PROCURA SER A REPRESENTAÇÃO ESTÉTICA DESSA SAGA. CONFIRA ESSA DISCUSSÃO NO ARTIGO DE GERMÁN MILICH.

# Teatro Manuelzão

GERMÁN MILICH

Ator e produtor cultural do Projeto Manuelzão

**“Teatro é a Verdade Escondida”.**

Augusto Boal

Não se tem notícias de sociedades sem manifestações teatrais. A representação é uma necessidade humana quando não um instinto de sobrevivência. É o feitiço que uma sociedade lança sobre seu destino. Todo teatro é profético, almeja ser precursor de um acontecimento. Se valendo do tempo histórico como matéria, o teatro não reconhece o passado nem o futuro, é um acontecimento estritamente do tempo presente em que seres humanos contam uma mentira (uma história fictícia) com a convicção de quem está defendendo uma verdade. Muito similar com o que acontece dia-a-dia na nossa vida social.

Eu sou um dourado nascido no Rio Uruguai e tive que enfrentar muitas correntezas até chegar à Bacia do Velhas. Não tive a oportunidade de conhecer pessoalmente o vaqueiro patrono do projeto de revitalização do Rio das Velhas, mas prefiro pensar que de alguma forma somos velhos companheiros de uma jornada atemporal. Muitas vezes me pergunto que teria pensado sobre o Teatro, como terá sido a primeira vez que Manuelzão percebeu a teatralidade da sociedade. Imagino uma ficção que é mais ou menos assim:

É algum domingo de maio, Manuelzão como de costume acordou antes que o sol. Nunca leu Aristóteles, nem Schopenhauer, mas já os conhece pela sua própria capacidade de observar o mundo. Está inquieto no seu interior, pensando nas conversas com Guimarães e sempre retorna a uma palavra que não consegue compreender. Lembra que ele lhe falou de algo chamado “Teatro”, que acontece numa casa que tem um quarto só e filas de cadeiras. Nessas cadeiras se sentam as pessoas para assistirem outras que representam uma história. Como assim representam? Sim, explica Guimarães, voltam a trazer para o presente. Nessa representação cantam e dialogam, padecem prisões e ninguém vê o cárcere. Combatem, mas com espadas de bambu, morrem, mas logo em seguida estão de pé. Lembra ter questionado: para que tanta gente se um só contador já basta para referir o causo? Também lembra que Guimarães, rindo, lhe repete que eles não estão referindo o cau-

so, mas representando-o. E aí volta ao ponto de incompreensão. Manuelzão não conhece o teatro e está tentando imaginá-lo. Sai pelo cerrado galopando entre pensamentos, leva uma sensação de calma, mas no fundo sente um augúrio que, se bem não é trágico, o incomoda.

Chegando ao povoado, ouve frases de um político e começa a desconfiar de algo estranho. Na igreja acontece um casamento, a poucos metros, um velório. Um boi foi abatido para a festança, os dolentes choram enquanto pensam no churrasco: a vida continua, não somos nada, repetem constantemente com água na boca. Ele tem a sensação de que já viveu esse momento. De pronto, devido à combinação da pinga com a nostalgia, Manuelzão compreende que tudo é uma eterna repetição com diferentes atores. O político repete as mesmas frases, no velório choram, no casamento riem e todos pensam na comilança que terá depois. Muda o povoado, o político, os noivos, o boi e o morto, mas a mesma trama se repete. Os limites entre a representação e a realidade se desvanecem e o delicado labirinto de espelhos já não é tão simples de reconhecer.

A vida é estruturada em formas teatrais, tudo não passa de um cenário e nada é natural. O uso do espaço, os figurinos de domingo, a escolha das palavras e a modulação das vozes, os grandes conflitos passionais, as pequenas indiferenças, a sessão da Câmara de Vereadores. Tudo é uma eterna representação repetitiva. Manuelzão, ainda atordoado pela percepção da irrealidade social e antes de esquecer-se do assunto, pensa: talvez seja inevitável representar eternamente uma história sem sentido, mas pelo menos podemos representar histórias mais bonitas, como as que o Doutor Guimarães procura. E perde-se atrás de uma saia pelo resto do domingo.

O Teatro Manuelzão é, por enquanto, um laboratório de possíveis futuros, uma tentativa de recuperar a dramaticidade e o espetáculo que foi roubado pela sociedade para esconder a verdade no seu dia-a-dia. Uma coisa é certa: pela sua própria natureza, o Teatro tem a peculiaridade de ser algo que existe e não existe ao mesmo tempo, um universo de mistério e um caminho à compreensão da vida.♦

# FestiVelhas, primeiro ato...

FOTOS: RONNIE VON DA COSTA

## Cortejo e tambores

Todos reunidos, é hora de começar o *FestiVelhas Manuelzão 2011 – Arte e Transformação*. Ao som das vozes e tambores da Guarda de Moçambique de Nossa Senhora da Guia, os participantes saíram da Reitoria da UFMG e caminharam até a Praça de Serviços. Lá, o grupo Meninas de Sinhá recepcionou o cortejo com a cantiga *Tá caindo fulô*. O percurso foi pequeno mas deu para sentir o clima aconchegante que permearia o Festival.



## Abrem-se as cortinas

A dor do Rio parece a nossa. Apesar de a morte do Rio das Velhas ser simbólica, teve muita gente que se impressionou com a primeira cena interpretada pelo Teatro Manuelzão, "Calvário e Ressurreição do Rio das Velhas". Sem choro nem vela, o renascimento começa com Manuel Nardi, o Manuelzão, e seu amor pelo meio ambiente.



## Início de conversa...

Nada melhor do que gente de casa para abrir o ciclo de debates. A "prosa" começou com os coordenadores do Projeto Manuelzão, Marcus Vinícius Polignano e Thomaz da Matta Machado, a líder comunitária Ivana Eva Novaes Souza, o biólogo Carlos Bernardo Mascarenhas, e o coordenador da equipe de comunicação, Elton Antunes. Cada um contou um pouquinho do que faz para revitalizar o Rio das Velhas.



## Dói no coração

"O sertão vai virar mar, dói no coração o medo que algum dia o mar também vire sertão". Trecho de uma das canções que as crianças do Coral da Escola Municipal Professor Pedro Guerra entoaram durante apresentação no *FestiVelhas Manuelzão 2011 – Arte e Transformação*. Com todos os meninos muito bem ensaiados e sincronizados, o coral chamou a atenção por sua beleza e simplicidade (leia mais na matéria "Por todos os cantos, página 10).



## o ver dos teus "óio"...

Violinos, violoncelos, flautas... O que isso tudo estava fazendo no *FestiVelhas*? Música! Meninos e meninas da Orquestra Jovem V&M e da Orquestra da Escola Estadual Padre João Botelho se apresentaram no primeiro dia do *FestiVelhas* sob a regência do maestro Rogério Vieira. Eles fazem parte do Projeto Música nas Escolas (leia mais na matéria "Qual é a música?", na página 12). Quem estava passando pela Praça de Serviços da UFMG, pôde ouvir composições de Beethoven, Mozart e até a Asa Branca de Luiz Gonzaga.



## Segundo ato

Com muita energia e empolgação, o Teatro Manuelzão apresentou no sábado a segunda das três cenas que preparou para o *FestiVelhas Manuelzão 2011- Arte e Transformação*. Sob a direção de Germán Milich, os artistas pularam, cantaram, dançaram e gritaram para representar o "Nascimento da vida, da cultura e da economia", teve até gente "nascendo" no palco.



## Economia e cultura

"A convivência da economia, ecologia e cultura". Para essa discussão foram convidados o paleontólogo Castor Cartelle, o economista Hugo Penteadó e a filósofa Telma Birchal. Os três refletiram a respeito da compreensão do conceito de "natureza" e da relação dos homens entre si e com ela. A plateia pôde se manifestar, com suas dúvidas e comentários, aprofundando o debate que aconteceu no primeiro dia do *FestiveLhas Manuelzão 2011*.



## A voz do Jequitinhonha

O artista regional Rubinho do Vale encerrou o primeiro dia de atividades do *FestiVelhas* com muita animação. Com suas músicas ele levou para o campus da UFMG o Vale do Jequitinhonha e o universo infantil. Ao final de um dia intenso, os participantes remanescentes se divertiram e até mesmo formaram uma roda para dançar e voltar à infância, porque, afinal, como cantou Rubinho: "ser criança é bom demais".



## Um (en) canto

Comoção. Assim pode ser definida a sensação que envolveu os participantes do segundo dia do *FestiVelhas Manuelzão 2011- Arte e Transformação*, após a apresentação do coral infantil Gotas da Canção/ Distrito Norte da Copasa. As crianças cantaram músicas conhecidas que logo despertaram o interesse da platéia. Ao fim, o coral se encontrou com as Meninas de Sinhá no palco, onde uma das crianças foi presenteadas com o CD do grupo.



FOTOS: RONNIE VON DA COSTA



## Pra mostrar que não funciona

No segundo dia do FestiVelhas Manuelzão 2011 – Arte e Transformação, o Teatro Manuelzão discutiu, no palco, a delicada relação entre ser humano, economia e meio ambiente, na cena “Governo da economia”. Com muita musicalidade, a peça mostrou o fim trágico do capitalista que buscava o lucro e o progresso acima de tudo e todos, até mesmo do meio ambiente. Como resultado de sua própria ganância, ele morreu sufocado devido à poluição causada.

## Lançando sementes

“A transformação da cultura socioambiental e a reprodução através da transdisciplinaridade”. Esse foi o tema do último debate do *FestiVelhas Manuelzão 2011 – Arte e Transformação*. O nome é complicado e a discussão também não é simples. O filósofo José de Anchieta Corrêa e o coordenador do Projeto Manuelzão, Apolo Heringer Lisboa comentaram sobre a necessidade de se pensar o planeta Terra de forma sistêmica, integrada, e rediscutir a política e a economia. O último debate do *FestiVelhas* teve a função de não acabar por ali, mas lançar a semente para outros novos (leia mais na página 9).



## Canção de despedida

O *FestiVelhas Manuelzão 2011 – Arte e Transformação* foi encerrado no domingo com chave de ouro. Após as apresentações artísticas e o debate da manhã, foi a vez de Pereira da Viola subir ao palco. Ao som de suas músicas, crianças e adultos dançaram alegremente sobre a tenda da Praça de Serviços. Dançando em roda, de mãos dadas, ou mesmo com alguém que estava próximo, pessoas de várias partes da Bacia festejaram livremente as canções do violeiro e o fim do evento que reuniu cultura e meio ambiente.



# Contraponto

O ciclo de debates foi parte do FestiVelhas 2011. No sábado, os temas foram: “Calvário e Ressurreição do Rio das Velhas / Nascimento do Projeto Manuelzão” e “A convivência da economia, ecologia e cultura”. Já o domingo contou com “A transformação da cultura socioambiental e reprodução através da transdisciplinaridade”.

## DE DENTRO

Estiveram presentes no primeiro debate os coordenadores do Projeto Manuelzão, Marcus Vinícius Polignano e Thomaz da Matta Machado, a líder comunitária Ivana Eva Novaes Souza, o biólogo do Projeto, Carlos Bernardo Mascarenhas, o Cacá, e o coordenador da Equipe de Comunicação, Elton Antunes. Eles contaram a história do Projeto e as atividades desenvolvidas.

- Polignano lembrou princípios que norteiam as ações do Projeto como a visão de saúde ligada ao meio ambiente, a escolha do território de bacia, a importância da mobilização e da visão transdisciplinar.
- Cacá explicou como funciona o biomonitoramento, destacando que o imaginário da “volta do peixe ao rio” é um impulso para as pesquisas do Projeto.
- A importância da mobilização social foi abordada pela Dona Ivana Eva, que destacou: “se não houver a participação da comunidade, fica muito difícil de resolver os problemas”. Ela faz parte do Núcleo Jatobá, um dos vários grupos que cuidam de córregos da Bacia do Velhas.
- Thomaz da Matta Machado destacou a necessidade de incorporação da visão sistêmica na gestão de bacias hidrográficas. Para ele, as ações desenvolvidas pelo Projeto conseguiram inverter a dinâmica de degradação Rio das Velhas, mas é preciso articular mudanças para toda a Bacia do São Francisco.
- Elton Antunes afirmou que “é preciso fazer diferente, mudar a maneira como a gente vê as coisas”. Para ele, o papel da Comunicação no Projeto é questionar as pessoas sobre suas atitudes e provocar reflexões.

## QUAL É A SUA RELAÇÃO COM A NATUREZA?

O segundo debate do sábado reuniu o paleontólogo Castor Cartelle, o economista Hugo Penteado e a filósofa Telma Birchal para discutir “A convivência da economia, ecologia e cultura”. Os participantes foram convidados a refletir sobre a visão de “natureza”, a relação que mantemos com ela e com o próprio ser humano.

- Para Cartelle, a nossa relação com a natureza é um reflexo do relacionamento entre nós mesmos. Ele apontou a necessidade de valorizar a vida e amar incondicionalmente o ser humano. “Qualquer homem é mais importante que nós mesmos”, destacou.
- Hugo Penteado afirmou que economistas excluem de suas teorias as pessoas e o planeta. Para ele, o ser humano não está ne-



Dona Ivana e Cacá no debate: pesquisa e mobilização

gociando o prazo de permanência da espécie na Terra, acreditando que nunca será extinto.

- A filósofa Telma Birchal convidou a repensarmos a concepção que temos sobre natureza e ressaltou que estamos em um constante estado de movimento e mudança. Para ela, temos a opção de deixar o movimento passar ou dar sentido a ele. Telma destacou que o processo de revitalização não é um movimento ao passado, mas sim, a reconstrução de um novo contexto.

## DEBATE DOMINGO

O debate de domingo reuniu o filósofo José de Anchieta Corrêa e o idealizador do Projeto Manuelzão, Apolo Heringer, para o debate “A transformação da cultura socioambiental e reprodução através da transdisciplinaridade”.

- José de Anchieta destacou a importância da reflexão nos trabalhos de ação coletiva e da inclusão do debate político e econômico. “É preciso mobilizar a reflexão, promover a ação coletiva e entrelaçar política, economia e ética”, afirma. O filósofo chama a atenção, ainda, para a arte, como forma de se alcançar o conhecimento.
- Apolo chamou a atenção para a relação entre política e economia, destacando o próprio Manuelzão, enquanto um projeto político. “A destruição do planeta é obra do ser humano, ele tem que mudar a mentalidade. Assim começou o Manuelzão. (...) Ele surgiu na esperança de mudar o mundo e isso é uma questão política”.

# Por todos os cantos

ALÉM DE EXPRESSIVA MANIFESTAÇÃO CULTURAL, CORAIS SE DESTACAM NO CENÁRIO MINEIRO COMO FORMA DE INTEGRAÇÃO

ISADORA MARQUES E MATEUS COUTINHO  
Estudantes de Comunicação Social da UFMG

Os corais profissionais aos de escolas de ensino fundamental: não faltam exemplos de como essa manifestação é marcante na cultura mineira e no Brasil. Esse tipo de canto diz muito da cultura de um local específico e também da maneira como as pessoas se integram socialmente. Tanto que também esteve presente no *Festi-Velhas Manuelzão 2011 – Arte e Transformação*, com o coral da Escola Municipal Pedro Guerra e o coral Gotas da Canção, da Copasa. A maestrina do coral da escola, Maria das Graças dos Santos, destaca os benefícios do coral para os alunos: “Eles gostam muito, com o trabalho do coral eles conseguem perceber o tanto que crescem pessoal e musicalmente, e se sentem impressionados com isso”.

Trata-se de um trabalho em grupo que exige cooperação e que reforça a solidariedade entre as pessoas, além de estimular o respeito ao espaço do outro. “Regente e coralistas têm que dividir tarefas, assumir responsabilidades e criar um ambiente que possibilite serenidade para o desenvolvimento do trabalho artístico. Nos coros amadores, o indivíduo desenvolve essas habilidades sociais”, aponta a maestrina Rita de Cássia Fucci-Amato.

## QUEM CANTA...

Existem hoje muitos corais difundidos em diferentes ambientes – escolas, igrejas, empresas, clubes – e eles têm, em sua maioria, um repertório eclético, que vai desde a tradição erudita até o repertório de música popular e folclórica. Não é difícil entrar em um coral, já que muitos deles não exigem pré-requisitos técnicos: para fazer parte de um grupo amador, basta ter alguma afinação e saúde vocal para conseguir cantar. Segundo Rita de Cássia, as dificuldades de cada um são trabalhadas em conjunto e o resultado final chega a um grau que não se pode alcançar individualmente.

Os motivos para as pessoas cantarem em corais podem ser vários e vão desde a questão estética ao fator social. Para o professor da Escola de Música da Universidade do Estado de Minas Gerais, Sérgio Antônio Cane-do, a importância dos corais para a sociedade contemporânea é o aspecto cultural, da tradição e da memória,

e da beleza que muitas vezes toca as pessoas. Mas o coral também pode ser compreendido como local de sociabilidade. “O canto coral amador, que é o que predomina hoje, é uma forma de se construir laços de amizade. Os ensaios são uma oportunidade de convivência e conversa”, diz Rita de Cássia.

Embora  
antiga, prática  
continua  
na cultura  
contemporânea



FOTO: RONNIE VON DA COSTA

## ...SEUS MALES ESPANTA

Várias instituições e centros comunitários encontram no coral um meio de promover a integração entre pessoas de diversas classes socioeconômicas e níveis hierárquicos, em uma construção de conhecimento de si – do potencial da voz de cada um – e do outro. Além disso, os conhecimentos adquiridos no coral aumentam a motivação pessoal e incrementam a apreciação artística e o repertório cultural de cada coralista.

O maestro e compositor da música tema do Festival Internacional de Corais (FIC) - que acontece anualmente em Belo Horizonte desde 2003 - Leonardo Cunha pontua que cada vez mais as empresas têm percebido os benefícios do coral, principalmente quanto à maior integra-

FOTO: JÚLIA MARQUES



Canto coral contribui para a formação educacional de crianças e jovens contemporânea



ção ente os funcionários e o relaxamento e redução do estresse. “A música tem esse poder quase que curativo de algumas mazelas do dia a dia”, enfatiza o maestro. Ele conta que, nas apresentações do FIC, os corais causam grande comoção, mesmo em quem não costuma apreciar o canto. “As pessoas são tocadas. Às vezes elas nem têm consciência de que podem gostar de um evento desse, mas acabam se sentindo atraídas pela música”, observa.

Rita de Cássia lembra que o canto coral consegue fazer uma síntese brilhante dos mais diversos estilos musicais. Ela também pondera que um coro não deve copiar um tipo de música, vestimenta ou forma de concerto de outro. “Tem que ser de acordo com sua idade, suas origens sociais e seu ambiente cultural. É preciso ‘ler’ o grupo e seu ambiente, procurando sempre um resultado original e criativo, não artificial”, avalia. ♦

## Ó Minas Gerais

Por definição, coral é um agrupamento de vozes que cantam harmonicamente. É difícil precisar sua origem, mas a prática de cantar em conjunto é bastante antiga. De acordo com Sérgio, o coral começou com os cantos gregorianos e foi se desenvolvendo, tornando-se mais sofisticado. “Foi no século XVII que começou isso tudo. Aí se começou a ter essa harmonia moderna que a gente escuta para todo lado”, explica. A prática vem se alterando ao longo da história, sempre acrescentando novas ideias e repertórios, de acordo com as concepções sociais, políticas e artísticas do momento e do lugar. “Por isso essa manifestação permanece até hoje. O canto coral teve uma importância muito grande nos primórdios e isso vem se perpetuando ao longo dos séculos”, acredita Leonardo Cunha.

Minas Gerais, especificamente, tem uma tradição muito grande em música coral e, com cerca de 1500 grupos, tem sido um foco do canto no Brasil, tanto pela tradição quanto pela criatividade e inovação dos grupos e compositores. Nesse sentido, o Ciclo do Ouro, que ocorreu nos séculos XVII e XVIII, em Minas, foi muito importante para que o estado se tornasse um pólo cultural. “Houve um grande dinamismo cultural em função do movimento social e econômico. Minas atraiu muita gente e essa cultura musical [contemporânea] advém mais dessa profusão que o estado se tornou no século XVIII”, explica Sérgio. Ele conta que aqui foi descoberto um registro musical do século XVII que pode ser o mais antigo do Brasil.

# Qual é a música?

CLÁSSICA E POPULAR SE JUNTAM PARA RENOVAR EXPERIÊNCIAS

JÚLIA MARQUES

Estudante de Comunicação Social da UFMG

Osom circula macio pela arena da Praça de Serviços da UFMG. Alguém só de passagem ouve e logo se interessa. Gente que foi apenas fazer um lanche no restaurante ao lado para pra assistir. Quem estava sentado, bate os pés no chão, acompanhando o ritmo. E tem até aqueles que se arriscam a levantar e dar uma rebolada no meio do palco.

Maestro, violoncelo, flauta, violino. “Marcha Turca de Beethoven” (ver verbete), a “Asa Branca” de Luiz Gonzaga. Quando as crianças da Orquestra da Escola Estadual Padre João Botelho e da Orquestra Jovem V&M, ambas do Projeto Música nas Escolas, se apresentaram durante o primeiro dia do *FestiVelhas Manuelzão 2011 - Arte e Transformação*, ali, naquele espaço aberto, além de notas musicais, também entraram em cena possíveis harmonias entre a música clássica e popular.

“As duas [música popular e clássica] podem levar o ser humano a experiências especiais, que ajudem emoções e pensamentos da gente a se renovarem. Mas elas têm caminhos diferentes”, pontua o violonista e professor de violão, estética musical e música brasileira de universidades de São Paulo e do Pará, Sidney Molina. Enquanto a música clássica está ligada ao trabalho do compositor de escrita musical, a popular não nasce da escrita, mas do trabalho de improvisação do intérprete. Mas ele des-

taca que há muitas pontes entre essas duas tradições. Uma delas tem a ver com a incorporação de elementos da música popular pela música clássica. Outra, com a ampliação dos espaços de recepção de concertos.

## QUANTAS NOTAS

Quando a orquestra toca Luiz Gonzaga (ver verbete), ela está estabelecendo ligações entre música clássica e popular? Tudo depende de como isso é feito. “Se um grande compositor pega aquele tema do Luiz Gonzaga e trabalha nele, usa as técnicas da música erudita, o diálogo entre as vozes, a pesquisa de sonoridade, então aquele Luiz Gonzaga passou a ser apenas um ponto de partida, aí ela inova, e está afrouxando mesmo as fronteiras, criando”, explica Sidney.

Mas aproximar a música popular da clássica é muito mais do que tocar músicas do repertório popular em concertos. Tem a ver com a referência de outros repertórios no trabalho do compositor. Um exemplo é Heitor Villa Lobos (ver verbete). O compositor e maestro brasileiro é reconhecido pela influência que teve do choro carioca. Sidney explica que os próprios compositores eruditos mais atuais já ouviram muita música popular e rock, e é inevitável que isso interfira no momento em que eles vão escrever a música erudita e aí misturem as duas coisas. “A gente passa a ter uma música erudita que tem um suíngue especial”, brinca.

Esse suíngue também pode ser alcançado quando envolve todo um trabalho sistemático de pesquisa do compositor em cima das peças populares. É o que destaca o professor da Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Samuel Araújo. Ele exemplifica por meio da trajetória de seu próprio professor, o maestro César Guerra Peixe (ver verbete): “Guerra Peixe fez pesquisas sistemáticas do nosso cancionário popular, da música de tradição oral, dos xangôs, dos maracatus pernambucanos. Quando Guerra Peixe lança mão do repertório popular, ele, na verdade, estiliza alguns processos que estão profundamente enraizados nas tradições populares”.

Música clássica e popular podem se aproximar não só na hora de compor. A improvisação, característica da música popular e herança dos solos de jazz (ver verbete) feitos na hora, também pode aparecer na música clássica, como defende Sidney Molina, mas de um jeito

Orquestra Sinfônica de Minas Gerais se apresenta em espaços abertos



FOTO: FUNDAÇÃO CLÓVIS SALGADO

próprio. Ele explica que, por mais que um intérprete de música clássica tenha que lidar com um material que já foi escrito por alguém, com notas bem definidas, existem lacunas na partitura. “Há muitos elementos que não dá para escrever: tem a ver com o trabalho da sonoridade, com a beleza do som, com a maneira de conduzir o tempo, mais lento, mais rápido, mais suave, mais forte. Essas nuances mudam completamente o resultado”.

Quem também concorda que há liberdade para a improvisação mesmo em concertos clássicos é o maestro das orquestras do Projeto Música nas Escolas, Rogério Vieira. “Hoje em dia a gente não toca mais, a gente faz jazz, já é uma farra, cada vez que a gente toca, inventa uma coisa nova. Chegou nesse nível de estar brincando com a música”, diz. Tanto que os meninos estavam até com uma mania: “como eles tocavam muita música popular, adquiriram o hábito de tocar dançando”, completa.

## SOL MAIOR

As orquestras do Projeto já se apresentaram em escolas, festivais, parques, praças e até mesmo em uma plataforma de estação de metrô. Colocar concertos em espaços abertos é uma tendência de difusão da música clássica a novos públicos. “[É] dar a conhecer, para um público maior, toda a riqueza que aquela tradição tem e que pode se tornar mais uma opção cultural para essas pessoas”, pontua Sidney. Mas, para isso, ele destaca que é preciso que a música seja feita com o mesmo critério e concentração com que é feita para os teatros.

Há muitos anos a Orquestra Sinfônica de Minas Gerais se apresenta em parques de Belo Horizonte, atraindo cerca de 5 mil pessoas por espetáculo. O spalla (ver verbete) da Orquestra Sinfônica, Vitor Dutra, conta que a mesma música que eles fazem dentro do teatro também fazem no parque. A única diferença é que dentro do teatro não é preciso fazer sonorização. Por outro lado, a receptividade não é a mesma: “a apresentação no parque é muito mais calorosa, muito mais divertida pra gente. Músico de orquestra não gosta de palma? Mentira. Às vezes o que falta dentro do teatro a gente consegue no parque”, diz.

Conversas, barulho, gente de passagem: a orquestra que se apresenta em espaços abertos tem que estar consciente desses fatores, explica Rogério Vieira. Quando eles se apresentaram na estação central do metrô, viram pessoas dançando do outro lado da plataforma, ao som de Asa Branca. Nesse mesmo dia, Rogério estreou o seu minueto (ver verbete), especialmente composto para a orquestra. Só que tiveram que pedir pra ele tocar de novo. E dessa vez saiu com algumas notas a menos: é que já tinha passado o trem. ●



FOTO: JÚLIA MARQUES

Cerca de 40 crianças fazem parte do projeto Música nas Escolas. O objetivo é incentivar a formação musical de crianças e adolescentes, de oito a 20 anos, estudantes de escolas públicas da Região Metropolitana de Belo Horizonte. Ao ingressarem no projeto, eles participam de aulas diárias e gratuitas de um instrumento musical à sua escolha. Os alunos se apresentam em eventos culturais, escolas, creches, hospitais, metrô e praças da capital e outros municípios de Minas.

**SPALLA:** é o nome dado ao primeiro-violino de uma orquestra. É o último instrumentista a entrar no palco, sendo o responsável por afinar a orquestra, antes da entrada do maestro.

**MINUETO:** dança de origem francesa que significa “dança de passos miúdos”. Tornou-se hábito dos compositores incluírem minuetos nas suas obras instrumentais.

**HEITOR VILLA LOBOS:** maestro e compositor brasileiro, considerado o maior expoente da música do Modernismo no Brasil. Suas obras, da primeira metade do século XX, incorporam elementos das canções folclóricas, populares e indígenas.

**CÉSAR GUERRA PEIXE:** músico, professor e arranjador brasileiro. Iniciou seus estudos em música na década de 20. Viajou para Pernambuco, onde estudou ritmos musicais nordestinos. Tem uma obra vasta que inclui sinfonias, peças para violão, flauta, violino, piano e outros.

**MARÇA TURCA DAS RUÍNAS DE ATENAS, DE BEETHOVEN:** Essa você conhece. Foi escrita em 1811 e adaptada para ser tema de abertura do seriado Chaves.

**JAZZ:** Manifestação artístico-musical quem tem origem nos Estados Unidos por volta do início do século XX. Desenvolveu-se com a mistura de várias tradições musicais, em particular a afroamericana. A improvisação é um dos elementos essenciais no jazz.

**LUIZ GONZAGA:** ficou conhecido como o Rei do Baião. Compositor pernambucano considerado um dos maiores ícones da música e da cultura popular brasileira.



# De corpo e alma

## FÉ E TRADIÇÃO FAMILIAR MANTÊM VIVO O TAMBOR DO CONGADO

CAMILA BASTOS E LARISSA FLORES

Estudantes de Jornalismo da PUC Minas e de Comunicação Social da UFMG



A Guarda de Moçambique Nossa Senhora da Guia participou da abertura dos dois dias do *FestiVelhas Manuelzão 2011*.

FOTO: RONNIE VON DA COSTA

também, ser incluído no caráter religioso: “já que tá todo mundo concentrado (com fé) o boi vai em qualquer lugar. Aquilo é junina mas é religião”.

De acordo com o sociólogo e pesquisador em Ciência da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora, Marcelo Vilarino, a origem do congado é incerta. “Como essas manifestações eram muitos menosprezadas, você não tem registros fidedignos sobre elas. Os registros que se tem não dão para explicar de forma muito contundente sobre a origem, sobre a diversidade, onde tudo começou”, explica. Segundo ele, na perspectiva histórica, o congado é considerado fruto do contato das religiões africanas com o cristianismo e a conversão do rei de Congo (ver no box), no final do século XV. Naquela época, o reino de Congo enviou uma embaixada à Portugal para saudar, com tambores, o rei deste país. “Presume-se que daí tenha surgido os primeiros movimentos daquilo que seja conhecido como congado”, diz Vilarino.

Aqui no Brasil, as primeiras manifestações de congado são datadas do século XVIII, na cidade de Recife. Hoje, ele se faz presente em vários estados. Marcelo explica que, em Minas Gerais, é mais comum que os grupos de congado devam Nossa Senhora de Santana, Nossa Senhora das Mercês, Nossa Senhora do Rosário, São Benedito e Santa Efigênia, mas que outros santos também podem ser cultuados, conforme a fé de quem integra o grupo. Para o pesquisador, uma das possíveis justificativas para a tradição em Minas é a vinda de negros da região de Banto e Angola, que trouxeram com eles os primeiros traços do congado.

“Tá caindo fulô, ê, ta caindo fulô/ Lá do céu cá na terra, ê ta caindo fulô”. Em festa de congado não podem faltar esses versos. O mito fundador do congado, uma das poucas manifestações religiosas que se refere ao fato social da escravização do negro, remete ao mometo em que Nossa Senhora do Rosário é retirada das águas ao sons dos tambores dos negros.

A tradição do congado, que começou há séculos atrás, já atravessou diversas épocas e contextos socioculturais. O dinamismo que está presente na manifestação, assim como em qualquer outra cultura, permite que hoje, por exemplo, guardas congadeiras se apresentem em shows e façam parcerias com artistas da capital, como Maurício Tizumba. Mesmo nessas ocasiões, a fé e o caráter religioso continuam predominantes. É mais uma oportunidade de homenagear a santa. A Guarda de Moçambique de Nossa Senhora da Guia, que participou do *Festivelhas Manuelzão 2011 – Arte e Transformação*, agregou o boi em suas apresentações. Ele veio de tradições folclóricas ligadas à festa junina. O Capitão-Mor e presidente da Guarda (conferir box), Seu João, acredita que o boi pode,



FOTO: CAMILA BASTOS

Seu João mostra o altar da Sede da Guarda de Moçambique Nossa Senhora da Guia

## IRMANDADE DO TAMBOR

O vínculo familiar é muito forte na tradição congadeira. A Guarda de Moçambique de Nossa Senhora da Guia surgiu apenas com cinco integrantes. Seu João criou a Irmandade em 1986 e contava com a ajuda de seus filhos e de sua esposa na época. “Eu inventei de formar essa Guarda pra gente poder tocar do jeito que a gente gosta e do jeito que precisa. O congado tem que ser uma coisa pura e sadia, porque ele anda o mundo inteiro”, lembra ele. Em pouco tempo, outras pessoas aderiram à Irmandade, vindas de outras guardas ou da vizinhança e, assim, a Guarda de Nossa Senhora da Guia foi crescendo. Hoje, mesmo com muitos participantes, o sentimento familiar continua. “No congado, toda vez que você bate um tambor, você está venerando as almas, sobretudo aquela alma que fundou aquele grupo. Você tem uma sensação de família, de elo consanguíneo muito forte. Isso é vivificante e vivificador daquele grupo”, explica Marcelo.

Antes de começarem alguma celebração ou partirem para se apresentar, a Guarda realiza um ritual de preparação, acendem uma vela para proteger os participantes e homenagear os integrantes que estão ali apenas em espírito. Em sinal de respeito, as coroas daqueles que já faleceram permanecem expostas no pequeno altar que fica na sede da Guarda, no bairro Asteca, em Santa Luzia, na Região Metropolitana de Belo Horizonte. Lá também é a casa de Eva, filha de seu João e dona da Guarda.

As netas de Seu João já foram Princesas da Guarda, hoje são adolescentes e preferem não participar tão diretamente das festas, mas continuam ajudando. Marcelo explica que, na época das festas, não tem como elas não se envolverem porque as celebrações, geralmente, se realizam no quintal da casa da família. Seu João conta que sempre que é preciso as netas colaboram na cozinha, servindo a comida ou de outras formas. Ele entende que, para participar da Guarda, a iniciativa precisa partir delas mesmas. “A pessoa pra seguir a religião tem que gostar do movimento. Se ela não gostar, não adianta seguir aquela tradição. (...) Ninguém segue religião a força”, acredita Seu João.

## O QUE MANTÊM A FÉ

Dona Alaíde é uma senhora que ajuda na organização da Guarda de Nossa Senhora da Guia. Ela também participa da Guarda de Congo de São Benedito, que fica ali perto, e conta que isso é comum. No final das contas, uma guarda colabora com a outra e, mais uma vez, o espírito familiar e solidário se apresenta. Marcelo conta que a relação entre as Guardas obedece um ciclo de reciprocidade. Seu João explica que eles são convidados para participar de festas de outras guardas, aceitam, e devolvem o convite quando chega o dia da festa da Guarda de Moçambique de Nossa Senhora da Guia, no

final de setembro. Sempre com muita comida, cada um contribui com o que pode.

E o que alimenta esse espírito de solidariedade é a fé, o traço mais importante do congado. “Eu falo que [o congado] é uma festa, mas é uma festa repleta de cuidados. Porque é uma festa assentada na fé. Na fé e na gratidão aos antepassados diretos, não só aqueles negros que foram escravizados, mas o meu ancestral, que fundou aquele reino, aquela irmandade e que me pediu para dar conta dessa fé”, explica Marcelo. Dona Alaíde e Seu João contam que, em algumas guardas os cânticos são mais festivos, mas ela não vê isso como um problema: “tudo que canta com respeito e com fé, está louvando Deus e Nossa Senhora. Para Deus e Nossa Senhora o que mais manda é o coração alegre e puro”.

Para Marcelo, o congado rege a vida das pessoas que participam dessa manifestação. Seu João acredita que não poderia ficar sem o congado e que se precisasse sair da Guarda de Nossa Senhora da Guia, iria para outra. Diz que chegaria até a se sentir mal fisicamente se não pudesse mais participar desse movimento. Dona Alaíde sabe muito bem a importância do congado para ela: “eu comecei por amor, por amor eu tô até hoje. E por amor eu morrerei”. ◆



FOTO: CAMILA BASTOS

Dona Alaíde aposta na fé e no amor como elementos para a permanência do congado nos dias de hoje.

## Reino do Congo

Localizado no sudoeste da África, território que hoje corresponde ao noroeste da Angola, à República do Congo, à parte ocidental da República Democrática do Congo e à parte centro-sul do Gabão. Era composto por várias províncias e a chefia máxima cabia a Mani Congo, o rei.

## Hierarquias no congado

Os grupos geralmente são divididos em Trono Coroado e Capitania. O Trono Coroado pode ser composto por Rei e Rainha de Congo, Rei Perpétuo, Rei de São Benedito, Rainha de Santa Efigênia e outros santos. Eles representam a incorporação da força divina. Já a Capitania é composta por quem canta, toca e dança. Nas Guardas de Moçambique, ela é comandada, em ordem de poder, pelo Capitão-Mor, Capitão Regente, Primeiro Capitão, Capitães da Espada e do Bastão.

# Com a corda toda

FORÇA DA TRADIÇÃO E RENOVAÇÃO MUSICAL AJUDAM A VIOLA A CONQUISTAR NOVOS ESPAÇOS

ISABELA MEIRELES E LARISSA FLORES  
Estudantes de Comunicação Social da UFMG

Nas folias de reis, folguedos, congados e outras manifestações, ela está lá. Pequena, corpo cheio de curvas e às vezes com fitas coloridas amarradas às pontas do braço. Seja caipira, sertaneja, cabocla, de cocho, do nordeste ou fandangueira, a música produzida pelo pontear das cordas é cativante. E não é só sua música que nos encanta, mas também a sua trajetória. “A viola, por ser um instrumento muito antigo, esteve ligada fortemente com a formação do povo e da cultura brasileira. Por conta disso, a gente tem que tentar entender esse instrumento não só a partir da música, mas do que ele representa dentro dessa formação socio-cultural”, explica o professor da Faculdade de Música da Universidade de São Paulo, Ivan Vilela.

O instrumento veio de Portugal e participou do processo de catequização dos índios, por volta do século XVI. Foi se espalhando com os tropeiros e bandeirantes pelo interior do país. Já no século XXI, nos anos 30, a viola ganhou espaço com os discos caipiras. A partir da década de 60, o instrumento foi sendo substituído por outros característicos da música popular, como o violão. De acordo com Ivan, com a revalorização da cultura local, a viola ressurge nos anos 90. Hoje, o cenário seria de expansão: o instrumento ganha novos espaços, dialoga com vários instrumentos e gêneros musicais, como o jazz, rock e samba.

O violeiro Pereira da Viola, que participou do *FestiVelhas Manuelzão 2011 – Arte e Transformação*, afirma que mesmo com tantas mudanças, a música de viola mantém sua originalidade. “Essa abertura do instrumento para tocar todos os estilos de música tem sido super importante, sem perder de vista esse fio condutor lá do caipira. É importante que o instrumento se torne conhecido mas, sem perder esse conceito de que ele é quase uma filosofia de vida”, ressalta. Para Ivan Vilela a música de viola traz consigo uma expressão da serenidade do campo, a honestidade, a solidariedade, uma preocupação maior com o “ser” do que com o “ter”. O violeiro Chico Lobo acrescenta a esses valores o respeito a família,

a amizade, a “cumpadrecidade” e a fé. Ele observa ainda que, em Minas, a viola assume o lugar de festa, mas também de introspecção e de conexão direta com a natureza, temática recorrente nas letras das músicas de viola. “Ninguém melhor canta a atenção e essa preservação (da natureza) do que a música de viola”, ressalta Chico.

Por esse motivo, os violeiros são presença confirmada nos *FestiVelhas*. O evento, realizado a cada dois anos, aposta nas manifestações culturais como forma de sensibilizar as pessoas para os cuidados com o meio ambiente. Portanto, a música desses artistas não poderia ficar de fora. “A viola é muito importante nesse momento. Ela provoca na sociedade um contraponto que bate forte com esses valores de cidade grande, da produção, de ser o melhor”, defende o professor Ivan.



Pereira da Viola (à esquerda) encerrou o segundo dia do FestiVelhas ao som de cantigas.

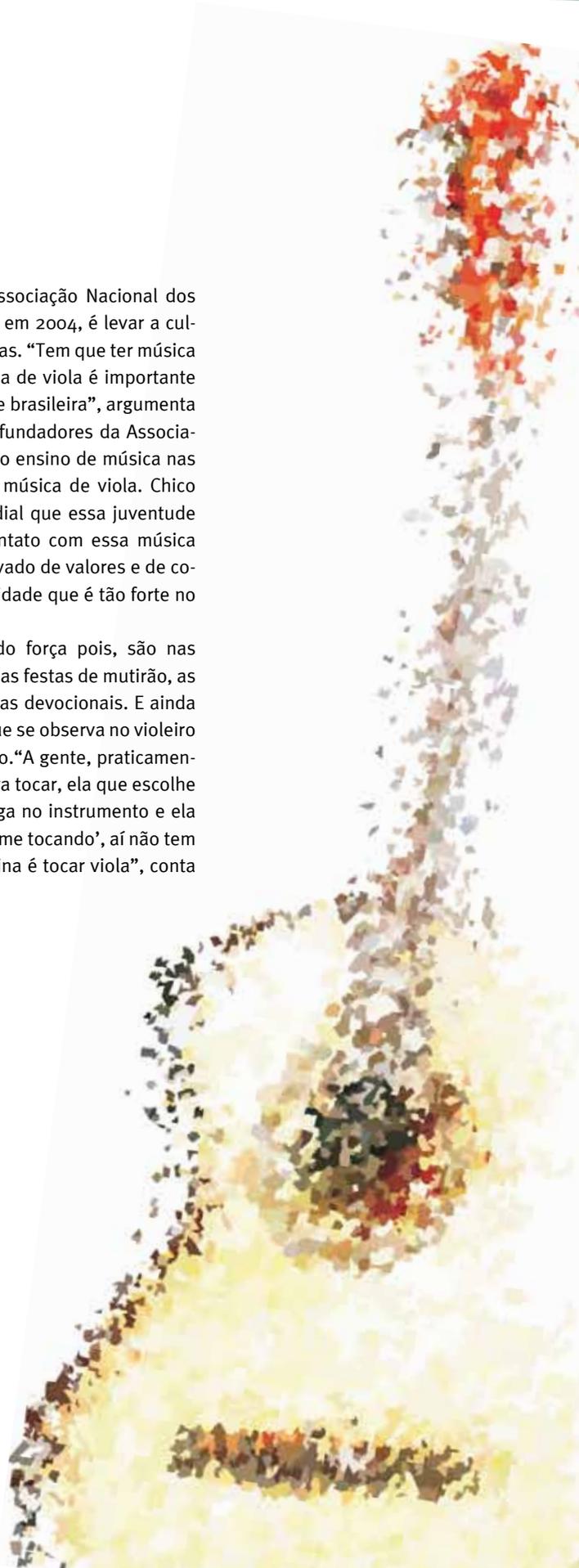
## PERMANÊNCIA E EVOLUÇÃO

Reza a lenda que o violeiro, em busca do dom de tocar viola, pode firmar pacto com o “tinhoso”. Ainda assim, quando morre, o artista tem lugar garantido no céu. Causos à parte, o menino pega a viola, começa a dedilhar suas cordas, descobrir os sons. A forma de tocar ainda é familiar. Os pais ensinam aos filhos e assim o estilo de pontear o instrumento atravessa gerações. Ivan Vilela explica que como não havia um método, cada violeiro desenvolveu sua maneira, contribuindo para a diversidade de toques. Pereira da Viola conta que essa característica familiar começa a mudar, pois muitos iniciantes buscam se inspirar mais em violeiros dos grandes palcos do que em seus antepassados.

A viola começa também a trocar a sala de casa pela sala de aula. Na Universidade de São Paulo, por exemplo, há um curso de graduação dedicado ao ensino da viola caipira. O bacharelado, criado no ano de 2005, contempla o estudo do instrumento, de suas expressões ao longo da história e ainda possibilita a aplicação da viola em outros ritmos musicais. O professor Ivan Vilela ressalta que os estudantes registram em partitura as músicas de viola do período da Renascença e do Barroco. Vilela indica um novo momento para o instrumento: “o que se tenta fazer agora é mudar essa percepção da viola como instrumento local para ser considerada um instrumento universal como violão, clarinete, violino”, explica. Para ele, essa nova forma de aprender e ensinar viola permite que as pessoas tenham mais facilidade de acessar o instrumento, conhecê-lo, criar novas tendências, atrair novos artistas e públicos. Segundo Chico Lobo, a entrada dos mais novos no universo da viola é importante tanto para a inovação desse tipo de música quanto para o próprio jovem, que acaba se encantando pelo jeito tradicional de toque de viola e a cultura que cerca o instrumento.

Uma das metas da Associação Nacional dos Violeiros do Brasil, criada em 2004, é levar a cultura da viola para as escolas. “Tem que ter música na escola porque a música de viola é importante na formação da identidade brasileira”, argumenta Pereira da Viola, um dos fundadores da Associação. A ideia é que parte do ensino de música nas escolas seja destinada à música de viola. Chico Lobo defende: “é primordial que essa juventude e essa geração tenha contato com essa música de viola para não ficar privado de valores e de conhecimento de uma identidade que é tão forte no povo brasileiro”.

A viola continua tendo força pois, são nas suas cordas que se fazem as festas de mutirão, as festas de colheita, as festas devocionais. E ainda tem a paixão do artista, que se observa no violeiro que está em cima do palco. “A gente, praticamente, não escolhe a viola para tocar, ela que escolhe a gente. Quando você pega no instrumento e ela fala assim ‘eu quero você me tocando’, aí não tem jeito. Daí pra frente sua sina é tocar viola”, conta Pereira. ◆



# No mesmo varal

LITERATURA PODE FAZER VER OUTRAS RELAÇÕES DO  
HOMEM COM O MEIO AMBIENTE

JÚLIA MARQUES E NATÁLIA FERRAZ  
Estudantes de Comunicação Social da UFMG

— “A que estão matando os cavalos!...” [...]os cavalos desesperaram em roda, sacolejados esgolpeando, uns saltavam erguidos em chaça, as mãos cascantes, se deitando uns nos outros, retombados no enrolar dum rolo, que reboleou, batendo com uma porção de cabeças no ar, os pescoços, e as crinas sacudidas esticadas, espinhosas: eles eram só umas curvas retorcidas! [...]lam caindo, quase todos, e todos; agora, os de tardar no morrer, rinchavam de dor — o que era um gemido alto, roncado, de uns como se estivessem quase falando, de outros zunido estrito nos dentes, ou saído com custo, aquele rincho não respirava, o bicho largando as forças, vinha de apertos, de sufocados.

ILUSTRAÇÃO: RAFAEL AMARAL

Ao ler esse trecho do livro *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa, não é difícil ver a cena. A literatura e as artes em geral têm essa capacidade de nos fazer construir verdadeiros cenários imaginários e interagir com eles. É como se estivéssemos ali em uma fazenda do sertão brasileiro assistindo, junto com os jagunços, a matança dos cavalos.

As imagens que criamos ao ler um texto literário podem nos fazer enxergar a relação do ser humano com o espaço que ele ocupa. E, dessa forma, dão visibilidade também a contradições presentes nessa relação. “Atualmente existe maior consciência teórica, cultural e ambiental sobre várias formas de degradação da natureza, mas a degradação sempre existiu e a literatura dá visibilidade por meio de imagens que ela constrói”, explica a professora de Teoria da Literatura da Faculdade de Letras da UFMG, Marli Fantini.

Ela estuda, a partir de obras como *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, e *Grande Sertão: Veredas*, a relação entre literatura e meio ambiente, entendendo-o como algo que vai além da paisagem em si. “A gente tem que pensar que o meio ambiente implica a relação do homem com a natureza. Uma vez degradada, a vida se degrada tam-

bém”, explica. Para Marli, muitos escritores se valem dos cenários construídos em seus textos para mostrar, direta ou indiretamente, um processo de degradação que não é só físico: resulta da degradação cultural, econômica e política.



FOTO: JÚLIA MARQUES

Fotografias de ambientes e trechos de obras literárias foram penduradas no mesmo varal durante FestiVelhas

## VIDAS SECAS

Vidas Secas é uma obra de Graciliano Ramos, escrita na década de 30. Ela narra a história de uma família que, ao ocupar fazendas abandonadas, é semi-escravizada e expulsa, tendo que caminhar sem rumo, sob condições climáticas adversas. “É possível recompor no seu imaginário, no seu olhar, as imagens daquele cenário árido, as caatingas, os espinheiros, o gado emagrecendo frente às secas, depois as ossadas de gado, os gados sendo mortos atacados pelos urubus, pelos carcarás. É de uma visibilidade impressionante, você lê e vê, ao mesmo tempo”, explica Marli.

Ao abordar questões relativas a espaço e meio ambiente, a literatura encena o equilíbrio ou o desajuste entre homem e natureza. Para ela, quando Graciliano Ramos denuncia a subcondição em que vivem os personagens, ele, no fim das contas, está retratando as vidas secas e limitadas pelas condições restritivas de natureza, sociedade, educação e cultura.

## GRANDE SERTÃO: VEREDAS

O narrador-protagonista de Grande sertão: Veredas, obra de Guimarães Rosa publicada em 1956, é Riobaldo, um fazendeiro “aposentado” da profissão de jagunço. Marli Fantini lembra que, para proteger e mapear os grandes feudos, os jagunços travavam lutas entre si redividindo constantemente as fronteiras, sem que eles próprios usufruíssem das divisões.

O narrador toma consciência da condição degradada de si mesmo e de seu grupo e denuncia essa falta de perspectiva a um entrevistador. Para Marli, Riobaldo é um sujeito político, empenhado em uma causa ambiental, que percebe as mudanças sociais e econômicas pelas quais passava o Brasil.

Como explica Marli, não só em Grande Sertão: Veredas, mas na obra de Guimarães de modo geral, “é possível encontrar a denúncia contra o sacrifício de animais, e não muito diferentemente, contra o ser humano, submetido a poderes hegemônicos. Há preocupação em denunciar a pecuária que destrói as terras e o cerrado, alterando de forma degradada a natureza”.

## GENTE QUE CONTA

Chamar as pessoas para refletir. A literatura pode nos conduzir a descobrir elementos no lugar em que vivemos e que ainda não enxergamos. Ou mesmo fazer ver aquilo que já existiu e não existe mais. É o que pensa o professor e pesquisador na área de Educação Ambiental e Literatura, Valdo Barcelos. “A literatura em que se inseriram temas relacionados ao meio ambiente possibilita, além da emoção do leitor, uma tomada de consciência, um comportamento posterior, um movimento”, acredita a professora do curso de Letras da Universidade Federal de São Carlos, Irene Castañeda. Ela coordenou o Sarau Itinerante: Práticas Coletivas de Eco-Leituras da Universidade. O projeto propiciava a leitura de obras literárias e contação de histórias inspiradas no meio ambiente a moradores de bairros pobres de São Paulo.

E esse trânsito de mão dupla entre obras de ficção e aspectos do mundo real não é característica apenas dos clássicos literários. Para Valdo, a literatura não deve ser vista como um instrumento para se alcançar determinado fim, como a preservação. “É um território de acontecimento de

coisas, um local para se estudar qualquer tema”. Importa menos o tipo de livro e mais a interpretação que é feita sobre os textos.

Isso porque o leitor, ao produzir suas imagens sobre o ambiente retratado, acaba se tornando também agente da história. Para Marli Fantini, a literatura possibilita uma recepção mais ativa, participativa e produtiva do leitor na medida em que ele é obrigado a

construir suas próprias imagens: “ao ler essas imagens e ver o que está implícito nelas, isso seduz de alguma forma o leitor a ser um produtor de outras novas”.

É a partir dessas imagens que outros

textos também podem ser elaborados, configurando uma teia de significados. Obras de Guimarães Rosa, por exemplo, deram origem a letras de músicas populares brasileiras, como “Assentamento”, de Chico Buarque e Milton Nascimento. Em Cordisburgo, cidade natal do autor, crianças (re) contam as histórias dos textos de Guimarães aos visitantes. Todo ano, na cidade, são realizadas caminhadas eco-literárias: enquanto contadores de história narram passagens das obras, os caminhantes interagem com o espaço natural. Lá mesmo, em Cordisburgo, peças de bordado desenhavam a paisagem do Cerrado e costuram trechos de literatura. Tudo tecido. ♦



FOTO: RONNIE VON DA COSTA

# Entre o protagonista e o figurante

## RIOS E CÓRREGOS ASSUMEM DIFERENTES PAPEIS AO LONGO DE SEUS PERCURSOS

CAMILA BASTOS E MATEUS COUTINHO \*

Estudantes de Jornalismo da PUC Minas e de Comunicação Social da UFMG

Seja escondido em meio às construções e ao trânsito da cidade, seja nos belos cenários turísticos onde a comunidade convive com a natureza, nem sempre de maneira equilibrada, eles estão lá. De suas nascentes até desaguiarem no mar os cursos d'água percorrem longos trechos marcados por diferentes relações com a sociedade que vive em seu entorno. Surgem, então, várias cenas nas quais, nem sempre, os cursos d'água são protagonistas lembrados. Conhecer um pouco destes cenários, de seus personagens e problemas, ajuda a entender a importância dos cursos d'água em nossas vidas.

Foi pensando nisso que trazemos aqui pequenas cenas que fazem parte de um aglomerado de histórias, a Bacia do Rio das Velhas. Conheça um pouco delas, afinal, você também pode fazer parte do espetáculo sem saber.

### CENÁRIO DE FUNDO

O Córrego São Francisco, na Sub-bacia do Ribeirão do Onça, nasce no bairro Liberdade, região noroeste de Belo Horizonte, e percorre aproximadamente um quilômetro em leito aberto. Em seguida, é canalizado e um pouco mais à frente é tampado, e não pode mais ser visto. Em seu caminho há uma vila e alguns condomínios, com muitos prédios e moradores.

Entre esses condomínios existe um, de prédios coloridos, onde mora Bianca Guimarães, a Bia. Ela nasceu em Itanhandu, cidade do interior mineiro a 428 km da capital e se mudou para Belo Horizonte no começo de 2010, quando ingressou no curso de Ciências Socioambientais da Universidade Federal de Minas Gerais. O campus, aliás fica bem perto do Córrego.

Quando se mudou para Belo Horizonte, Bia costumava caminhar perto do Córrego como muitos moradores locais ainda fazem. “Não foi por causa do cheiro que eu parei de caminhar, não. No começo você chegava e dava até enjojo, mas depois você acostuma. O problema é que não é agradável, nem o cenário, nem o cheiro”, ela explica.

A situação não está nada boa. O esgoto é visível e Bia conta que as pessoas despejam seu lixo nas águas, dependuram-o na grade em volta do Córrego ou até mesmo o queimam às margens. E isso ocorre mesmo em um Local de Entrega Voluntária (LEV) bem perto dali e com a Unidade de Recebimento de Pequenos Volumes a poucos metros das entradas do condomínio e da vila.

Bia conta que não convive nada com o Córrego e que o máximo que faz hoje é olhá-lo pela janela. O Córrego fica ali, como uma paisagem secundária, que só é lembrado nas épocas em que o cheiro fica mais forte. “As únicas pessoas que até hoje

já me falaram do rio era por que ele estava fedendo algum dia”.

Bia acredita que o local poderia ser transformado em uma área de lazer, em que a comunidade possa ter um contato direto com o Córrego Brejinho e sua mata ciliar mas, após um incêndio (no meio do ano passado) que queimou boa parte da mata da região e com as obras de infraestrutura para a Copa do Mundo de 2014, não tem muita esperança.

FOTO: CAMILA BASTOS



O Córrego São Francisco, também conhecido como Brejinho, passa despercebido no bairro Liberdade.

### LEV

contêineres coloridos utilizados para a população depositar o lixo que será reciclado. São nas cores padrões dos materiais recicláveis: azul para o papel, vermelho para o plástico, amarelo para o metal e verde para o vidro



FOTO: ARQUIVO

Os bonecos de Wânia chamam a atenção das pessoas que passam pelo atelier.

## DE FLOR EM FLOR

Grandes bonecos chamam a atenção de quem passa pela rua principal de Santana do Riacho, na Serra do Cipó. Seu Nenêgo e Crotilde guardam a entrada do atelier de Wânia Lage, onde toda a arte produzida é feita a partir de um material diferente: o lixo. São luminárias, mandalas, máscaras e muitas outras coisas, como flores e vasos decorativos. Tudo é colorido e feito de garrafas pet e papel machê.

A lojinha de Wânia recebe vários turistas que, encantados com o trabalho, voltam com as garrafinhas que utilizaram durante sua estadia na região. A comunidade também colabora: “Muita gente traz garrafas e alguns até ajudam a produzir as peças”, conta Wânia.

Ela se mudou para a Serra do Cipó em 2006. Cansada de seu trabalho de escritório em Belo Horizonte Wânia queria melhor qualidade de vida e um local para criar cachorros e cuidar de horta, coisas que não podia ter na cidade grande. Wânia se declara uma artista auto-didata, que passou a trabalhar com papel machê - feito de jornais velhos - junto à comunidade da Serra em 2001. O trabalho com as garrafas pet começou por volta de 2005, quando percebeu que estes materiais estavam sendo muito utilizados pela população.

No ano em que mudou para a Serra, Wânia fez parte de um programa do Governo Federal de incentivo ao artesanato local. Ela recebia para dar oficinas para crianças da comunidade em sua própria casa. Três meses depois, o incentivo governamental acabou e Wânia continuou com as oficinas por conta própria. Suas peças logo chamaram a atenção do comércio local e hoje várias pousadas e restaurantes as utilizam como artigos de decoração.

Wânia lembra que o Ribeirão Soberbo, que nasce na cachoeira Véu da Noiva e deságua no Rio Cipó, sofre com a poluição. “O povo joga tudo no ribeirão, lava roupa, vasilha, dá pra ver até marcas de óleo de cozinha na água”, conta. Segundo ela, o comportamento dos turistas também é vergonhoso: “na Prainha, teve um feriado que já saiu um caminhão de lixo de lá”.

Wânia lamenta a falta de iniciativas para tratar do lixo e educar a população. “Eu vou lá (no Soberbo e no Cipó) e recolho o lixo, pego o material que dá pra aproveitar mas não é nada

oficial, é uma vez ou outra que dá pra fazer isso”, lembra ela.

Sempre que pode ela fala para as pessoas sobre a importância de preservar o ambiente e, de vez em quando, é chamada pelas escolas da região para dar suas oficinas. Trabalho que Wânia faz com muito gosto: “eu tenho um amor por esse Rio [Cipó], eu vim morar aqui por causa dele, porque quando o Rio tá limpo ele tem um encanto”.

Para ela, seu trabalho é um trabalho de “bico de beija-flor”, ela não tem condições de ampliá-lo, mas acredita que é uma forma de, aos poucos, ajudar o Rio: “Na verdade, o que eu quero é incentivar a arte. Porque o mundo precisa de artistas, o artista tem a sensibilidade de olhar e sentir. Eu acho que só de você tocar nessa questão, a pessoa se sensibiliza e passa a ter um outro olhar”. ●

\* COLABOROU LUIS CUNHA, ESTUDANTE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DA UFMG



FOTO: ARQUIVO PESSOAL

Restaurantes locais utilizam a arte de Wânia para decoração.

# Teatro em cena

## PESQUISADORA DESTACA O PAPEL DAS ARTES CÊNICAS COMO MANIFESTAÇÃO CULTURAL E FERRAMENTA DE MOBILIZAÇÃO

ISADORA MARQUES  
Estudante de Comunicação Social da UFMG

Um dos momentos marcantes do *FestiVelhas Manuelzão 2011 – Arte e Transformação* foi o das intervenções teatrais, que trouxeram a proposta de interação com o público. O teatro pode contribuir, social e culturalmente, para as demandas do contexto em que está inserido. Por isso, é uma manifestação artística especialmente interessante para trabalhos de mobilização. Mariana Muniz é professora de graduação e pós-graduação em Teatro da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais. Atualmente, trabalha como atriz convidada do Grupo Galpão, companhia cuja origem está ligada ao teatro popular e de rua.

### Qual é o lugar do teatro como manifestação cultural? Qual é a importância disso?

A importância do teatro não é descontextualizada dos aspectos históricos e sociológicos que, de alguma forma, o determinam. Ela vem da importância que o público e os artistas de uma determinada comunidade dão a essa manifestação cultural. O teatro é uma arte muito voltada para a questão do ser humano em relação com outro ou em relação com a história, o ambiente.

### Qual é o papel do espetáculo teatral nos trabalhos de mobilização?

O teatro como mobilização social é uma prática tão antiga quanto o próprio teatro. Ele sempre é uma mobilização social, independente de onde seja feito. Se ele é feito na praça pública, ele mobiliza um certo setor da sociedade. Se é feito no teatro municipal, ele também está mobilizando certo setor da sociedade. E essa mobilização nem sempre é transformadora, ela pode ser conservadora também, conservar um *status quo*. O teatro, justamente por falar de relações humanas, é sempre político, independente de que ideologia está marcando essa conotação política. Eu acho que o grande perigo do teatro que pretende discutir um tema é que ele não discuta, é que ele apresente. E é isso que às vezes a gente vê, um teatro que vai lá falar, por exemplo, sobre a questão da poluição dos rios. Os atores fazem uma pesquisa sobre isso, criam uma esquete [peça teatral de curta duração], mas, de alguma forma, o teatro está fechado. Eu acredito que este tipo de teatro é moralista: tem uma “lição” para ensinar para o público. Parte-se da ideia equivocada de que a peça sabe muito e o público, que vive a realidade não sabe nada e precisa aprender. Para o teatro ser popular, ele tem de dar também voz ao público. Que ele seja um teatro que não leve as respostas prontas e sim que incite perguntas.



FOTO: FOCA LISBOA/UFMG E ARQUIVO GALPÃO



A professora atuando como atriz convidada do Grupo Galpão na peça Tio Vânia

### Como seria possível, no momento do espetáculo teatral, abrir esse espaço para a população e levantar, com ela, uma discussão, ao invés de apresentar algo, somente?

Tem várias formas. Talvez a mais evidente delas seja, por exemplo, o trabalho do Augusto Boal [dramaturgo brasileiro conhecido mundialmente que faleceu em 2009], com o Teatro Fórum. É uma reunião, um fórum, com um público específico para discutir uma determinada questão. E os mobilizadores do Teatro do Oprimido [fundado por Boal, alia o teatro à ação social], começam a perguntar sobre histórias que reflitam de alguma forma esse conflito que eles estão vivendo. Pode ser um conflito social ou um conflito pessoal e social, como a violência doméstica, não é necessariamente um conflito coletivo, mas algo que afeta a todos. E aí os atores representam essa história. Em determinados momentos, o público interfere dizendo como a história poderia ter sido desenrolada de outra forma.

### Qual é a proposta do teatro que busca fazer intervenções?

A ideia de intervenção, no teatro, significa uma ação cênica que intervém e interrompe a rotina, o cotidiano, o espaço de um lugar, se adaptando ao que acontece no aqui e agora. Ela é necessariamente uma ação aberta que tem linhas condutoras, ideias principais, mas, justamente por intervir no espaço, o espaço também intervém nela. Então é uma ação que busca provocar uma mudança de olhar referente a um tema, a um espaço, a uma situação. ♦

# R \_ \_ \_ \_ \_ D \_ \_ A \_ \_

## VOCÊ TEM UM PARÁGRAFO PARA DESCOBRIR QUAL É O ARTISTA QUE JUNTA INFÂNCIA, JEQUITINHONHA E NATUREZA EM SUAS CANÇÕES

JÚLIA MARQUES,  
Estudante de Comunicação Social da UFMG

“VOU PRO CAMPO, NO CAMPO TEM FLORES,  
AS FLORES TÊM MEL, MAIS À NOITINHA, ESTRELAS NO CÉU”

Não sei, mas imagino que quando Manoel Mendes Jardim interpreta a canção “Meninos”, deve rolar um filme em sua cabeça, cheio de cenas de sua meninice no campo, na pequena Rubim, local onde cresceu, no Vale do Jequitinhonha. O município fica na ponta nordeste de Minas, quase na Bahia, e não chega a ter 10 mil habitantes. As ruas sem calçamento eram o espaço perfeito para as brincadeiras de Manoel. Jogo de finca, pega-pega, queimada, forno de bolo... “era uma cidade muito gostosa e tinha muita, mas muita brincadeira”.

Hoje, Manoel mora na capital mineira, mas carrega consigo todo o Jequitinhonha. Até no nome. Ganhou dos amigos o apelido de Rubinho, por causa da cidade onde viveu dos sete aos 17 anos, e completou com o Vale no final: Rubinho do Vale. Mas o vínculo não é só uma questão de termos. “Eu sou muito Vale, não só no meu nome. Meu coração é mais Vale do que o meu nome”. Foi na década de 70, na época em que cursava engenharia em Ouro Preto, que Rubinho amadureceu a vontade de cantar o Jequitinhonha. Começou a participar de festivais e, em 1980, deixou a vaga na faculdade e se mudou para Belo Horizonte para fazer música. “Cheguei em Belo Horizonte com uma mala, duas roupinhas e um cobertozinho que pedi aos meninos da república para trazer porque eu não tinha nada”, lembra bem-humorado.

Falar sobre a cultura do Vale do Jequitinhonha é uma forma de reviver sua história e permitir que outros também possam conhecê-la por meio da melodia. Ele conta que muitas referências de sua música têm origem em tudo o que viveu no Vale. “Tá no meu sangue. Na roça, quando o rezador não ia, minha mãe botava a gente pra rezar o terço, minha música parece com aquela reza, com aqueles benditos [...] Cantar o Jequitinhonha é bom porque estou cantando eu mesmo”.

### (EN)CANTO DE PRESENTE

Desde sempre, quando uma criança fazia aniversário, Rubinho do Vale gostava de presentear com discos, em vez de roupa, sapato ou brinquedo. “É um presente terno. Mas aí eu senti falta de presentear com coisas do meu mundo, da minha infância, que também era a de muitas pessoas aí do Brasil, que brincaram de corda, que brincaram de correr...” Foi em 1990 que Rubinho lançou seu primeiro CD voltado para o público infantil. E não parou mais.

Hoje são sete discos feitos para crianças, com músicas que falam sobre brincadeiras, cantigas de roda, trava-línguas, bichos, vida no campo... Cantar para meninos e meninas envolve muito

trabalho, mas o segredo é simples. E belo. Existe uma linguagem universal, de toda criança, ele explica. Essa linguagem é a alegria.

Quase que sem querer, o meio ambiente foi dando, naturalmente, o ritmo de suas melodias. “Criança gosta de bicho, de cachorro, pato, cavalo, vaca. Criança adora o campo, gosta de flores, gosta de brincar com a terra”, conta. Suas canções entram pelos portões de escolas do sertão do Cariri, no Ceará, a municípios do Rio Grande do Sul, e alcançam a criançada em trabalhos de educação ambiental junto às professoras, grandes amigas e parceiras. Certa vez, um amigo de Rubinho comentou que quase todas as músicas dele têm flor. E é verdade. “É uma forma de adoçar um pouco mais o meu trabalho”, brinca.

É, ganhamos vários presentes. ♦



Artista transforma os sentimentos de sua infância em sons, na arena do Festivalhas

Seu José e os filhos  
nadam e pescam todos  
os dias no rio das Velhas...



Essa história era  
verdadeira 50 anos atrás.

Quem disse que toda história de pescador é mentira?

O projeto "Conte sua história" tem o objetivo de registrar "causos", memórias sobre o patrimônio natural e cultural, lembranças de personagens importantes e relatos sobre o Projeto Manuelzão. Valem histórias de todos os rios da Bacia do Velhas.

E sempre a partir de um olhar diferente: o seu olhar!

Qual é a sua história? É só visitar nosso site, entrar na seção Publicações - Conte sua História e mandar o seu relato.

Conte sua história e faça parte da nossa também.



PROJETO  
**MANUELZÃO**  
UFMG  
Saúde, Ambiente e Cidadania na Bacia do Rio das Velhas